

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

Eixo temático: 5 - Educação Tecnológica e desafios do contexto educacional contemporâneo

O Lugar, a Memória e a IA: Perspectivas da História e Geografia no ensino

Phaola Rodrigues Leopoldino¹

Rhuan Arruda de Souza²

Resumo: A expansão das tecnologias digitais, impulsionada pelo avanço da Inteligência Artificial (IA) generativa, transformou significativamente a produção e a circulação do conhecimento, integrando-se rapidamente às práticas sociais e educacionais contemporâneas. No campo escolar, esse fenômeno levanta debates complexos sobre a mediação tecnológica em disciplinas que exigem interpretação crítica e subjetividade. Diante desse cenário, este trabalho discute os limites e as potencialidades da IA no ensino de História e Geografia, tomando como eixos teóricos os conceitos de memória e lugar. Argumenta-se que, por carecer de vivência e corporeidade, a IA não produz memória a partir das concepções históricas, tampouco experiencia o lugar ou desenvolve afinidades com o espaço concreto, operando estritamente na dimensão digital. Para investigar em que medida a utilização desses sistemas pode simplificar ou esvaziar tais categorias de suas dimensões afetiva, social e experiencial, adota-se uma metodologia qualitativa de cunho teórico-prático. O percurso metodológico fundamenta-se na revisão bibliográfica sobre memória, lugar e IA, aliada à análise crítica de respostas geradas por plataformas de inteligência artificial sobre essas temáticas. Como recorte espacial e teor metodológico de análise, utiliza-se a Feira Livre da Rua Professor Sebastião Lopes Carvalho, localizada em Viçosa, Minas Gerais. Com base nos resultados, foi possível reconhecer as limitações da IA nesse tipo de estudo, tornando-se inviável devido ao cuidado que se deve ter nesse tipo de abordagem, ao mesmo tempo que apontou-se possíveis usos caso seja necessário.

Palavras-chave: Memória. Lugar. Ensino.

Introdução

A expansão das tecnologias digitais têm produzido transformações significativas nas formas de produção, circulação e apropriação do conhecimento. Entre essas transformações, destaca-se o avanço da Inteligência Artificial (IA), entendida como um campo da ciência da computação voltado ao desenvolvimento de sistemas capazes de simular processos associados à cognição humana, como aprendizagem, reconhecimento de padrões, processamento de linguagem e tomada de decisões (Holanda; Silva Ramos; Queiroz Neto, 2026). Nos últimos anos, especialmente após a popularização dos modelos generativos de linguagem, a IA deixou de ser uma tecnologia restrita a ambientes especializados e passou a integrar atividades cotidianas relacionadas ao trabalho, ao entretenimento e à educação. O lançamento do ChatGPT, em 2022, representou um marco nesse processo, visto que a plataforma alcançou 100 milhões de usuários em apenas dois meses (Holanda; Silva Ramos; Queiroz Neto, 2026),

¹ Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: phaola.leopoldino@ufv.br

² Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: rhuan.souza@ufv.br

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

evidenciando a rapidez com que ferramentas de IA foram incorporadas às práticas sociais contemporâneas. No campo educacional, esse fenômeno tem suscitado debates acerca das potencialidades e dos limites dessas tecnologias, especialmente em áreas do conhecimento que dependem da interpretação crítica da realidade, da contextualização histórica e da compreensão das experiências humanas.

Nesse cenário, as discussões sobre memória e lugar no ensino adquirem novas problemáticas diante da crescente presença das inteligências artificiais nos processos de produção e circulação do conhecimento. Sob essa ótica, a memória associa-se ao poder, visto que desde as sociedades antigas, grupos dominantes selecionam quais acontecimentos devem ser preservados, quais narrativas serão transmitidas às gerações futuras e quais experiências serão relegadas ao esquecimento. Contudo, com o avanço das das inteligências artificiais generativas, introduziu-se uma nova dimensão neste debate. Tal discussão aproxima-se diretamente do conceito de lugar, enquanto a História se debruça nas questões envolvendo a Memória, o conceito de Lugar no ensino de Geografia é algo prioritário, principalmente no que diz respeito às categorias de análise da ciência. Assim como o território, a paisagem e a região, o lugar é uma das alternativas possíveis para a “leitura” do espaço geográfico sob uma “lente” cujo pensamento se dá a partir de como a sociedade se apropria de determinado local. Isto é, como os grupos sociais percebem, concebem e vivem o lugar (Lefebvre, 1986). Além disso, é um conceito que abre portas para despertar o interesse do discente em conhecer a história da cidade, além de aproximar o conteúdo escolar com o seu cotidiano.

Ambas as áreas buscam compreender como os sujeitos produzem significados sobre o mundo, articulando temporalidades, espacialidades, identidades e experiências. No contexto educacional, essas categorias desempenham papel fundamental na formação crítica dos estudantes, uma vez que permitem relacionar vivências individuais a processos sociais mais amplos. Entretanto, a crescente utilização de ferramentas de inteligência artificial na produção de trabalhos acadêmicos, pesquisas escolares e atividades pedagógicas levanta questionamentos sobre os efeitos desta mediação tecnológica na construção do conhecimento. Assim como a IA não produz memória a partir das concepções da História e também não é capaz de desenvolver afinidade ou não com determinado espaço. Desta maneira

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

, imagina-se que não seja possível se conectar com a realidade concreta que não a digital, ou seja, não experiência o lugar e muito menos cria memória.

Diante desse contexto, este trabalho busca discutir os limites e as potencialidades da inteligência artificial no ensino de História e Geografia, tomando como referência os conceitos de memória e lugar, além de utilizar a Feira livre, localizada na Rua Professor Sebastião Lopes Carvalho em Viçosa, Minas Gerais, como recorte espacial de análise e teor metodológico. Outrossim, a problemática se estende ao questionamento da utilização de sistemas de IA para a compreensão dessas categorias e em que situações pode simplificá-las ou esvaziá-las de suas dimensões experiencial, afetiva e social. Para tanto, propõe-se uma metodologia qualitativa fundamentada em uma revisão bibliográfica sobre memória, lugar e inteligência artificial, bem como na análise crítica de respostas produzidas por sistemas de IA acerca desses temas. O objetivo é compreender se tais tecnologias podem atuar como ferramentas de apoio ao processo de ensino-aprendizagem ou se apresentam limitações significativas quando confrontadas com conceitos cuja construção depende da vivência, da subjetividade e da experiência humana.

Desenvolvimento

Referencial teórico

Mais do que categorias analíticas, os conceitos de memória e lugar constituem formas pelas quais os sujeitos atribuem significado às experiências vividas no tempo e no espaço, participando da construção de identidades, pertencimentos e representações sociais. Nesse sentido, antes de adentrar e entender a metodologia do presente trabalho, se faz fundamental a compreensão dessas categorias, examinando suas formulações conceituais e os debates que marcaram sua consolidação nas respectivas áreas do conhecimento.

A memória, para Le Goff (1990, p. 426), não deve ser entendida apenas como uma capacidade individual de recordar acontecimentos, mas como um fenômeno social responsável pela transmissão de valores, práticas e identidades coletivas. Nessa perspectiva, os processos de lembrança e esquecimento são influenciados por relações de poder que

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

determinam quais experiências serão preservadas e quais serão silenciadas ao longo do tempo. A ascensão da inteligência artificial representa uma transformação significativa na maneira como as sociedades armazenam, acessam e produzem conhecimento, sobretudo no processo de aprendizagem no ensino básico. Por esse ângulo, Ferreira Filho e Barros (2024, p.32) observam que a IA já está integrada ao campo educacional por meio de sistemas de aprendizagem adaptativa, plataformas digitais, assistentes virtuais e ferramentas de produção textual, onde essas tecnologias operam sobre quantidades massivas de dados, organizando informações em velocidades impossíveis para a capacidade humana, agindo como uma nova forma de “memória artificial”. Curiosamente, Le Goff (1990, p.469) já observava que os avanços da cibernética poderiam ampliar o conceito de memória para além da experiência humana, permitindo falar em “memória eletrônica”.

Segundo Lisboa (2007, p.29), “O lugar pode ser entendido como a parte do espaço geográfico efetivamente apropriada para a vida, área onde se desenvolvem as atividades cotidianas ligadas à sobrevivência e às diversas relações estabelecidas pelos homens”. Por outro lado, pode ser também pensado como um local de transformação, deixando de ser apenas espaço para ser lugar carregado de significado do ponto de vista individual (Tuan, 1983). Lisboa (2007) também aponta que cada pessoa tem um lugar diferente de outra, isso ajuda a pensar que o espaço da feira proporciona uma experiência diversa para todos os sujeitos envolvidos nele. Isso explica a ideia de que nem todo mundo terá afinidade com o mesmo lugar.

Metodologia

Esta pesquisa teve como viés metodológico a elaboração de perguntas elaboradas a partir do referencial teórico. Em seguida, foi realizado um trabalho de campo na área de estudo para obter informações a partir de dois pontos de vista (geográfico e histórico), paralelamente a isso, as mesmas perguntas foram submetidas a IA (ChatGPT). Logo, com essas contraposições foram realizadas análises comparativas das respostas a fim de testar os limites da IA..

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

Portanto, a proposta metodológica partiu da hipótese de que conceitos como memória e lugar envolvem dimensões experiencial, afetiva e simbólica que ultrapassam a simples descrição de informações disponíveis em bases de dados. Dessa forma, buscou-se analisar em que medida as respostas das inteligências artificiais se aproximam ou se distanciam das percepções construídas em contato direto com a realidade observada.

Resultados e Discussões

A pergunta pensada de modo a contemplar a Geografia nesse contexto foi: *"Imagine que você irá receber um parente distante e deseja levá-lo para conhecer a Feira Livre de Viçosa (MG). Com base no conceito de lugar da Geografia, como você descreveria a paisagem do local?"*. Para conseguir respondê-la a partir do ponto de vista da Geografia, o trabalho de campo a partir de um viés investigativo, foi fundamental para observar a dinâmica de um dia de funcionamento da feira. A sua realização, às quartas-feiras, configura-se como um importante elemento de ruptura na rotina urbana de Viçosa, funcionando como um atrativo ao longo do dia. A escolha do meio da semana mostra-se estratégica do ponto de vista da mobilidade urbana, visto que, se funcionasse durante o último dia da semana poderia haver problemas com o trânsito local, que já apresenta constante movimentação de veículos. O espaço da feira consolida-se como um lugar de fluxos, intensamente frequentado por um público diverso, composto por pessoas passeando com animais de estimação, mães com crianças, pessoas com algum tipo de deficiência ou mobilidade reduzida e trabalhadores em final de expediente. Do ponto de vista da infraestrutura, a via conta com a disponibilização de banheiros químicos (masculino e feminino) e sinalização de placas que indicam o fechamento da via pública das 13h às 21h, garantindo o uso isolado e restrito para o evento. No entanto, o espaço revela limitações físicas como a dificuldade de estacionamento, o que limita o acesso dos motoristas, mas ao mesmo tempo incentiva a caminhabilidade e o uso da bicicleta. A balaustrada e as palmeiras são elementos que tornam o ambiente agradável e arborizado influenciando no microclima local. Adicionalmente, faixas de pedestres e semáforos conectam a feira às demais vias de saída da cidade, facilitando a entrada e saída da feira.

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

A respeito da estrutura de cada espaço de trabalho, alguns produtores comercializam seus produtos em caixas plásticas de hortifruti, ao ponto que outros possuem barracas fornecidas pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater). Além desses dois grupos, há aqueles que além de possuírem suas barracas, possuem também um sistema de controle de atendimento semelhante ao fluxo de caixa de um supermercado, tendo que retirar senha e aguardar ser atendido. Santos (2002) diz que os lugares redefinem as técnicas, ou seja, a Feira Livre localizada na região central da cidade atende os mais diversos públicos, o que deixa claro a necessidade de ampliar as alternativas de troca e otimizar a organização do trabalho.

A questão do meio ambiente é percebida por meio da produção de resíduos sólidos, em que o lixo gerado é reunido em alguns pontos e até no fundo das barracas evitando que a feira permaneça suja, ao incluir também as lixeiras ao longo do perímetro. Contudo, a totalidade dessa dinâmica espacial permanece condicionada às variáveis meteorológicas. Em dias chuvosos, a ausência de coberturas ou de uma estrutura fixa transforma a operação e a visitação da feira em um problema para a circulação e permanência dos feirantes e clientes.

Em resposta à pergunta inicial, o ChatGPT retornou o seguinte texto: “[...], a Feira Livre de Viçosa pode ser descrita não apenas por seus elementos físicos, mas também pelos significados e vivências que ela proporciona às pessoas. Eu descreveria a paisagem da feira como um espaço movimentado e colorido, com barracas cheias de frutas, verduras, legumes, queijos, doces e outros produtos da região. Há vendedores anunciando seus produtos, clientes circulando, conversando e realizando compras. Os aromas dos alimentos, os sons das conversas e o contato entre produtores e consumidores fazem parte da paisagem. Pela perspectiva geográfica, a feira é um lugar porque possui valor afetivo e social para a população local. É um espaço de encontro, convivência e troca de experiências, onde tradições culturais são mantidas e fortalecidas. Assim, a paisagem da Feira Livre de Viçosa reúne elementos naturais, construídos e humanos, refletindo a identidade e o cotidiano da comunidade que a frequenta” (OpenAI, 2026).

Adicionalmente, a partir do conceito de memória, a pergunta pensada para o ensino de história foi: “A partir do conceito de memória, quais tradições diferenciam a cultura popular

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

da feira livre de Viçosa de outras feiras semelhantes em outras cidades”? A partir desse questionamento, compreendida como uma construção social continuamente produzida e compartilhada pelos grupos, conforme discutem autores como Maurice Halbwachs e Jacques Le Goff, a Feira Livre de Viçosa apresenta características que a diferenciam de outras feiras semelhantes por constituir um espaço de preservação e atualização de memórias coletivas locais. Mais do que um ambiente de comercialização de produtos agrícolas, a feira funciona como um lugar de encontro onde práticas, saberes e relações sociais são transmitidos entre diferentes gerações.

Um dos principais elementos distintivos é o próprio espaço onde a feira ocorre pois, diferentemente de feiras instaladas em estruturas permanentes, a rua utilizada para circulação de veículos durante a semana é temporariamente transformada em espaço de convivência e comércio às quartas-feiras. Essa ocupação periódica produz uma memória social vinculada ao ritmo da cidade, fazendo com que a população associe aquele local e aquele dia específico a práticas tradicionais compartilhadas, assim a repetição desse uso ao longo do tempo fortalece o sentimento de pertencimento e identidade coletiva. Outro aspecto relevante é a predominância da comercialização de produtos agrícolas, característica que preserva a memória das atividades rurais e das relações históricas entre campo e cidade. A feira mantém vivas formas tradicionais de produção, consumo e circulação de alimentos, constituindo um patrimônio cultural imaterial que remete às origens econômicas e sociais da região.

A diversidade de frequentadores, como estudantes, moradores locais, produtores rurais e comerciantes, também contribui para a singularidade da feira. Esse fluxo heterogêneo favorece a construção de redes de sociabilidade e a circulação de experiências, histórias e conhecimentos. Nesse sentido, a memória não se limita à lembrança do passado, mas é constantemente reconstruída por meio das interações sociais que ocorrem neste lugar. Além disso, o fato de a feira acontecer junto à Estação Ferroviária de Viçosa, um patrimônio histórico da cidade, reforça sua dimensão memorial. O espaço conecta diferentes temporalidades, articulando a memória do desenvolvimento ferroviário local com as práticas contemporâneas de comércio e convivência. Dessa forma, a feira transforma-se em um

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

verdadeiro lugar de memória, no qual passado e presente se encontram e contribuem para a preservação da identidade cultural viçosense.

Sob a perspectiva do ChatGPT quanto a questão, ele afirma: “*A feira livre de Viçosa se diferencia pela forte ligação com a agricultura familiar da Zona da Mata Mineira, preservando saberes e práticas transmitidos entre gerações. Além da venda de produtos, ela funciona como espaço de convivência e troca de experiências. A presença da Universidade Federal de Viçosa também contribui para uma interação singular entre conhecimentos populares e acadêmicos. Assim, a feira mantém viva a memória coletiva e a identidade cultural local.*”

Destarte, de modo a abarcar a Geografia e a História, foi pensada a seguinte questão para ser desenvolvida conjuntamente por esses dois pontos de vista científico: “*A partir do que se vê na paisagem, esse lugar foi produzido historicamente para atender a feira livre?*”. Para responder essa questão, concluiu-se que a Feira Livre de Viçosa não foi pensada para ocupar a Rua Professor Sebastião Lopes Carvalho, pois há um elemento marcante nessa paisagem caracterizada pela antiga estação ferroviária e os trilhos fixados no chão atualmente pavimentado. Isso deixa evidente que o mesmo lugar nos tempos remotos possuía a função de embarque e desembarque de passageiros do trem.

Em contraponto, o ChatGPT pontuou que, “*Sim. A partir da paisagem, é possível perceber que esse lugar foi produzido historicamente para atender à realização da feira livre. Os elementos presentes no espaço, como áreas destinadas às barracas, vias de circulação, locais de estacionamento e a concentração de comércio e pessoas, revelam adaptações feitas ao longo do tempo para atender às necessidades dos feirantes e dos consumidores. Na Geografia, entende-se que os lugares são construídos e transformados pelas ações humanas. Assim, a paisagem da feira não surgiu de forma natural; ela é resultado de processos históricos, econômicos, sociais e culturais que moldaram o espaço para facilitar a comercialização de produtos, o encontro entre as pessoas e a manutenção dessa tradição local. Portanto, a paisagem evidencia que o lugar foi sendo organizado e transformado para cumprir a função de sediar a feira livre*” (OpenAI, 2026).

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

Considerações finais

Com base nas ideias apresentadas sobre o uso da Inteligência Artificial, especificamente o ChatGPT, foi possível refletir sobre a atuação sobre a ciência histórica e geográfica no ambiente de ensino. Esse tipo de tecnologia, trabalhado de forma isolada na sala de aula ou fora dela, por meio de pesquisas individuais de cada aluno, mostram-se inteiramente vazias. O caráter generalista demonstrado pela IA não é capaz de contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, uma vez que produz respostas rápidas e sintéticas, o que faz com que o contato com o conteúdo seja feito de maneira breve.

Para o conceito de lugar e memória, essa ferramenta não conseguiu dar suporte conceitual, pois requer um tratamento diferenciado no momento de ensino e são temas que se baseiam em vivências e afetividades, o “calcanhar de Aquiles” de qualquer inteligência construída artificialmente. Para isso, o trabalho de campo se tornou uma alternativa pedagógica de muita importância principalmente quando é orientado pelo professor pois

Todavia, o ChatGPT demonstrou ser um recurso útil para atuar de maneira introdutória no assunto. Sabendo administrar o seu uso, pode ser usado para obter uma prévia do trabalho de campo, além de servir para comparação da narrativa apresentada por ele e a observada no campo. Além disso, não se recomenda para este tipo de abordagem da Geografia e História que os estudantes utilizem este recurso para a descrição do que foi visto em campo, e sim que as mesmas produzam o texto para melhor fixação do conteúdo. É também relevante destacar que a IA pode ser pensada como método para revisão do conteúdo em vésperas de avaliações, de modo que consiga ter um contato objetivo com o que foi estudado.

Este estudo também possibilitou considerar as disciplinas de História e Geografia como áreas complementares e possíveis de serem trabalhadas em conjunto desde que mantenham o diálogo entre os conceitos ensinados.

Referências

DE HOLANDA, Marcos Farias; DA SILVA RAMOS, Carlos Fernando; DE QUEIROZ NETO, José Pinheiro. **Inteligência artificial no ensino de Geografia: uma revisão sistemática sobre caminhos para a aprendizagem ética e significativa.** *Educitec - Revista*

I Simpósio de Educação Tecnológica

IA e os desafios educacionais

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

4 a 6 de agosto de 2026

de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, v. 12, n. jan./dez., p. e283326-e283326, 2026. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/2833>. Acesso em: 17 jun. 2026.

FERREIRA FILHO, Cesar Augusto A.; BARROS, Patrícia Marcondes de. **Inteligência artificial e ensino de história: alcances e desafios na era da cultura digital**. *Revista Dito Feito*, Curitiba, v. 15, n. 26, p. 26-37, jul./dez. 2024. DOI: 10.3895/rde.v15n26.18973. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/de>. Acesso em: 19 jun. 2026.

JÚNIOR, Nilton Abranches; AZEVEDO, Renan Caldas Galhardo; LOPES, Victoria Vicente Rodrigues. **Educação e cibercultura: o impacto da IA na construção do conhecimento geográfico**. *Revista Docência e Cibercultura*, v. 9, n. 2, p. 1-22, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/90386>. Acesso em: 15 jun. 2026.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 476 p. (Do original: *La production de l'espace*, 4. ed., Paris: Éditions Anthropos, 2000). Disponível em: https://gpect.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-d-o-espac3a7o.pdf. Acesso em: 17 jun. 2026.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2026.

LISBOA, Severina Sarah. **A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares**. 2007. Disponível em: <https://locus.ufv.br/server/api/core/bitstreams/873d9e87-3c6a-49de-897a-7c38d2d638a7/content>. Acesso em: 17 jun. 2026.

OPENAI. **ChatGPT**. Versão de 15 de maio. San Francisco: OpenAI, 2026. Disponível em: <https://chat.openai.com/>. Acesso em: 18 jun. 2026.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002. Disponível em: https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=JRvh0ebaIXoC&oi=fnd&pg=PA7&dq=Milton+santos&ots=WSbf2ToGZe&sig=9we_x4-A2xe_GcbY35SqAXKjlAw. Acesso em: 18 jun. 2026.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. Disponível em: <https://fundacc.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia-YI-FU-TUAN.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2026.